

8125194-02

# DISPERSÃO

*doze poesias por Mário de Sá-Carneiro*



*segunda edição - 1939 - Edições "Presença"*

DISPERSÃO

OBRAS DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO  
NAS «EDIÇÕES PRESENÇA»

PUBLICADA:

*INDÍCIOS DE OIRO*, poemas. (1.<sup>a</sup> edição).

A PUBLICAR:

*A CONFISSÃO DE LÚCIO*, narrativa.

*CÉU EM FOGO*, novelas.

DEF. LEG.

125194

# DISPERSÃO



DOZE POESIAS POR

MÁRIO

DE

R. 141946

SÁ-CARNEIRO

EDIÇÕES «PRESENÇA»

1939

I

PARTIDA

Ao ver escoar-se a vida humanamente  
Em suas águas certas, eu hesito,  
E detenho-me às vezes na torrente  
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir  
Ao mistério que é meu e me seduz.  
Mas logo me triunfo. A sua luz  
Não há muitos que a saibam reflectir.

A minh'alma nostálgica de além,  
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,  
Aos meus olhos ungidos sobe um pranto  
Que tenho a fôrça de sumir também.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,  
Que são para o artista? Coisa alguma.  
O que devemos é saltar na bruma,  
Correr no azul à busca da beleza.

É subir, é subir além dos céus  
Que as nossas almas só acumularam,  
E prostrados rezar, em sonho, ao Deus,  
Que as nossas mãos de auréola lá douraram.

É partir sem temor contra a montanha  
Cingidos de quimera e de irreal;  
Brandir a espada fulva e medieval,  
A cada hora acastelando em Espanha.

É suscitar côres endoidecidas,  
Ser garra imperial enclavinhada,  
E numa extrema-unção de alma ampliada,  
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,  
Forçar os turbilhões aladamente,  
Ser ramo de palmeira, água nascente  
E arco de ouro e chama distendido...

Asa longínqua a sacudir loucura,  
Nuvem precoce de subtil vapor,  
Ânsia revôlta de mistério e olor,  
Sombra, vertigem, ascensão — Altura!

E eu dou-me todo neste fim de tarde  
À espira aérea que me eleva aos cumes.  
Doido de esfinges o horizonte arde,  
Mas fico ileso entre clarões e gumes!...



Miragem roxa de nimbado encanto —  
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!  
Alastro, venço, chego e ultrapasso;  
Sou labirinto, sou licorne e acanto.

Sei a distância, compreendo o Ar;  
Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;  
Sou taça de cristal lançada ao mar,  
Diadema e timbre, elmo real e cruz...

.....  
.....

O bando das quimeras longe assoma...  
Que apoteose imensa pelos céus!  
A côr já não é côr — é som e aroma!  
Vêm-me saüdades de ter sido Deus...

\*

\*

\*

Ao triunfo maior, avante pois!  
O meu destino é outro — é alto e é raro.  
Únicamente custa muito caro:  
A tristeza de nunca sermos dois...

*Paris — fevereiro de 1913.*

II

ESCAVAÇÃO

Numa ânsia de ter alguma cousa,  
Divago por mim mesmo a procurar,  
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,  
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:  
Brando a espada: sou luz harmoniosa  
E chama genial que tudo ousa  
Únicamente à fôrça de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...  
E cinzas, cinzas só, em vez de fogo...  
— Onde existo que não existo em mim?

. . . . .  
. . . . .

Um cemitério falso sem ossadas,  
Noites d'amor sem bôcas esmagadas —  
Tudo outro espamo que princípio ou fim...

*Paris 1913 — maio 3.*

III

INTER-SONHO

Numa incerta melodia  
Tôda a minh'alma se esconde  
Reminiscências de Aonde  
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã de armas! Manhã de armas!  
Romaria! Romaria!

.....

Tateio... dobro... resvalo...

.....

Princesas de fantasia  
Desencantam-me das flores...

.....

Que pesadêlo tão bom...

.....

Pressinto um grande intervalo,  
Deliro tôdas as côres,  
Vivo em roxo e morro em som...

*Paris 1913—maio 6.*



IV

ALCOOL

Guilhotinas, pelouros e castelos  
Resvalam longamente em procissão ;  
Volteiam-me crepúsculos amarelos,  
Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas de auréola aos meus ouvidos,  
Grifam-me sons de côr e de perfumes,  
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,  
Descem-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,  
Da luz que me ilumina participo;  
Quero reünir-me, e todo me dissipo—  
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra além...

Corro em volta de mim sem me encontrar...  
Tudo oscila e se abate como espuma...  
Um disco de ouro surge a vultear...  
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?  
Ópio de inferno em vez de paraíso?...  
Que sortilégio a mim próprio lancei?  
Como é que em dor genial eu me eterizo?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,  
Foi álcool mais raro e penetrante:  
É só de mim que ando delirante—  
Manhã tão forte que me anoiteceu.

V

VONTADE DE DORMIR

Fios de ouro puxam por mim  
A soerguer-me na poeira —  
Cada um para o seu fim,  
Cada um para o seu norte . . .

. . . . .

— Ai que saüdades da morte . . .

.....

Quero dormir... ancorar...

.....

Arranquem-me esta grandeza!  
— Pra que me sonha a beleza,  
Se a não posso transmigrar?...

*Paris 1913 — maio 6.*

VI

DISPERSÃO

P erdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto,  
E hoje, quando me sinto,  
É com saüdades de mim.

Passei pela minha vida  
Um astro doido a sonhar.  
Na ânsia de ultrapassar,  
Nem dei pela minha vida...



Para mim é sempre ontem,  
Não tenho amanhã nem hoje:  
O tempo que aos outros fuge  
Cai sôbre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris  
Lembra-me o desaparecido  
Que sentia comovido  
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
É bem-estar, é singeleza,  
E os que olham a beleza  
Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...  
Tu sim, tu eras alguém!  
E foi por isso também  
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada  
Bateu asas para os céus,  
Mas fechou-as saciada  
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traíu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
Nem as linhas que projecto:  
Se me olho a um espelho, erro —  
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim  
Mas nada me fala, nada!  
Tenho a alma amortalhada,  
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,  
Fiquei com ela, perdida.  
Assim eu choro, da vida,  
A morte da minha alma.

Sãudosamente recordo  
Uma gentil companheira  
Que na minha vida inteira  
Eu nunca vi... mas recordo

A sua bôca doirada  
E o seu corpo esmaecido,  
Em um hálito perdido  
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saüdades  
São do que nunca enlancei.  
Ai, como eu tenho saüdades  
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte —  
Minha dispersão total —  
Existe lá longe, ao norte,  
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia  
Pintado em rolos de fumo,  
E todo azul-de-agonia  
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saüdade,  
Eu beijo as minhas mãos brancas...  
Sou amor e piedade  
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas  
Que eram feitas pra se dar...  
Ninguém mas quis apertar...  
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pênna de mim,  
Pobre menino ideal...  
Que me faltou afinal?  
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me nalma o crepúsculo;  
Eu fui alguém que passou.  
Serei, mas já não me sou;  
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Alcool dum sono outonal  
Me penetrou vagamente  
A difundir-me dormente  
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,  
E, louco, não enlouqueço...  
A hora foge, vivida;  
Eu sigo-a, mas permaneço...

. . . . .

. . . . .

Castelos desmantelados,  
Leões alados sem juba...

. . . . .

. . . . .

*Paris — Maio de 1913.*

VII

ESTÁTUA FALSA

Só de ouro falso os meus olhos se douram;  
Sou esfinge sem mistério no poente.  
A tristeza das coisas que não foram  
Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dor quebram-se espadas de ânsia,  
Gomos de luz em treva se misturam.  
As sombras que eu dimano não perduram,  
Como Ontem, para mim, Hoje é distância.



Já não estremêço em face do segrêdo ;  
Nada me aloira já, nada me aterra :  
A vida corre sôbre mim em guerra,  
E nem sequer um arrepio de mêdo !

Sou estrêla ébria que perdeu os céus,  
Sereia louca que deixou o mar ;  
Sou templo prestes a ruir sem deus,  
Estátua falsa ainda erguida ao ar . . .

*Paris 1913 — maio 5.*

VIII

QUÁSI

Um pouco mais de sol — eu era brasa,  
Um pouco mais de azul — eu era além.  
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...  
Se ao menos eu permanecesse àquem...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído  
Num baixo mar enganador de espuma;  
E o grande sonho despertado em bruma,  
O grande sonho — ó dor! — quasi vivido...

Quási o amor, quási o triunfo e a chama,  
Quási o princípio e o fim — quási a expansão...  
Mas na minh'alma tudo se derrama...  
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um comêço... e tudo errou...  
— Ai a dor de ser-quási, dor sem fim... —  
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,  
Asa que se elançou mas não voou...

Momentos de alma que desbaratei...  
Templos aonde nunca pus um altar...  
Rios que perdi sem os levar ao mar...  
Ansias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...  
Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;  
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,  
Puseram grades sôbre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,  
Tudo encetei e nada possuí. . .  
Hoje, de mim, só resta o desencanto  
Das coisas que beijei mas não vivi. . .

. . . . .  
. . . . .

Um pouco mais de sol — e fôra brasa,  
Um pouco mais de azul — e fôra além.  
Para atingir, faltou-me um golpe de aza. . .  
Se ao menos eu permanecesse àquem. . .

*Paris 1913 — maio 13.*

IX

COMO EU NÃO POSSUO

Olho em volta de mim. Todos possuem —  
Um affecto, um sorriso ou um abraço.  
Só para mim as ânsias se diluem  
E não possuo mesmo quando enlaço.

Roça por mim, em longe, a teoria  
Dos espasmos golfados ruivamente;  
São êxtases da côr que eu fremiria,  
Mas a minh'alma pára e não os sente !

Quero sentir. Não sei . . . perco-me todo . . .  
Não posso afeiçoar-me nem ser eu:  
Falta-me egoísmo para ascender ao céu,  
Falta-me unção pra me afundar no lôdo.

Não sou amigo de ninguém. Pra o ser  
Forçoso me era antes possuir  
Quem eu estimasse — ou homem ou mulher,  
E eu não logro nunca possuir! . . .

Castrado de alma e sem saber fixar-me,  
Tarde a tarde na minha dor me afundo . . .  
Serei um emigrado doutro mundo  
Que nem na minha dor posso encontrar-me? . . .

\*

\*

\*



Como eu desejo a que ali vai na rua,  
Tão ágil, tão agreste, tão de amor...  
Como eu quisera emmaranhá-la nua,  
Bebê-la em espasmos de harmonia e côr!...

Desejo errado... Se eu a tivera um dia,  
Tôda sem véus, a carne estilizada  
Sob o meu corpo arfando transbordada,  
Nem mesmo assim — ó ânsia! — eu a teria...

Eu vibraria só agonizante  
Sôbre o seu corpo de êxtases dourados,  
Se fôsse aquêles seios transtornados,  
Se fôsse aquêles sexo aglutinante...

De embate ao meu amor todo me ruo,  
E vejo-me em destrôço até vencendo:  
É que eu teria só, sentindo e sendo  
Aquilo que estrebuchou e não possuo.

X

ALÉM-TÉDIO

Nada me expira já, nada me vive —  
Nem a tristeza nem as horas belas.  
De as não ter e de nunca vir a tê-las,  
Fartam-me até as coisas que não tive.

Como eu quisera, enfim de alma esquecida,  
Dormir em paz num leito de hospital. . .  
Cansei dentro de mim, cansei a vida  
De tanto a divagar em luz irreal.

Outrora imaginei escalar os céus  
À fôrça de ambição e nostalgia,  
E doente-de-Novo, fui-me Deus  
No grande rastro fulvo que me ardia.

Parti. Mas logo regresssei à dor,  
Pois tudo me ruíu. . . Tudo era igual:  
A quimera, cingida, era real,  
A própria maravilha tinha côr!

Ecoando-me em silêncio, a noite escura  
Baixou-me assim na queda sem remédio;  
Eu próprio me traguei na profundura,  
Me sequei todo, endureci de tédio.

E só me resta hoje uma alegria:  
É que, de tão iguais e tão vazios,  
Os instantes me esvoam dia a dia  
Cada vez mais velozes, mais esguios. . .

*Paris 1913 — maio 15.*

XI

RODOPIO

Volteiam dentro de mim,  
Em rodopio, em novelos,  
Milagres, uivos, castelos,  
Forcas de luz, pesadelos,  
Altas tôrres de marfim.

Ascendem hélices, rastros . . .  
Mais longe coam-me sois ;  
Há promontórios, farois,  
Upam-se estátuas de herois,  
Ondeam lanças e mastros.

Zebram-se armadas de côr,  
Singram cortejos de luz,  
Ruem-se braços de cruz,  
E um espelho reproduz,  
Em treva, todo o esplendor. . .

Cristais retinem de mêdo,  
Precipitam-se estilhaços,  
Chovem garras, manchas, laços. . .  
Planos, quebras e espaços  
Vertiginam em segrêdo.

Luas de oiro se embebedam,  
Rainhas desfolham lírios:  
Contorcionam-se círios,  
Enclavinham-se delírios.  
Listas de som enveredam. . .

Virgulam-se aspas em vozes,  
Letras de fogo e punhais;  
Há missas e bacanaís,  
Execuções capitais,  
Regressos, apoteoses.

Silvam madeixas ondeantes,  
Pungem lábios esmagados,  
Há corpos emmaranhados,  
Seios mordidos, golfados,  
Sexos mortos de anseantes...

(Há incenso de sponsais,  
Há mãos brancas e sagradas,  
Há velhas cartas rasgadas,  
Há pobres coisas guardadas—  
Um lenço, fitas, dedais...)



Há elmos, troféus, mortalhas,  
Emanações fugidias,  
Referências, nostalgias,  
Ruínas de melodias,  
Vertigens, erros e falhas.

Há vislumbres de não-ser,  
Rangem, de vago, neblinas;  
Fulcram-se poços e minas,  
Meandros, paúes, ravinas  
Que não ousou percorrer. . .

Há vácuos, há bolhas de ar,  
Perfumes de longes ilhas,  
Amarras, lemes e quilhas —  
Tantas, tantas maravilhas  
Que se não podem sonhar! . . .

XII

A QUEDA

**E**u que sou o rei de tôda esta incoerência,  
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la  
E giro até partir... Mas tudo me resvala  
Em bruma e sonolência.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço de ouro,  
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...  
Eu morro de desdém em frente dum tesouro,  
Morro à míngua, de excesso.

Alteio-me na côr à fôrça de quebranto,  
Estendo os braços de alma — e nem um espasmo venço!...  
Peneiro-me na sombra — em nada me condenso...  
Agonias de luz eu vibro ainda entanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,  
— Vencer às vezes é o mesmo que tombar —  
E como inda sou luz, num grande retrocesso,  
Em raivas ideais ascendo até ao fim:  
Olho do alto o gêlo, ao gêlo me arremesso...  
.....

Tombei...

E fico só esmagado sôbre mim!...



*Paris 1913 — maio 8.*

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

ESTA REEDIÇÃO DE *DISPERSÃO*  
DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO  
É CONSTITUÍDA POR QUINHEN  
TOS E CINQUENTA E OITO  
EXEMPLARES, A SABER: CIN  
QUENTA E OITO EM PAPEL  
*PLUMA* ESPECIAL, DOS QUAIS  
CINCO FORA DO MERCADO,  
NUMERADOS DE 1 A 5, E OS  
REstantES NUMERADOS DE 6  
A 58. E QUINHENTOS EM PAPEL  
ALMAÇO TOJAL,  
NUMERADOS DE  
59 A 558

EXEMPLAR NÚMERO **57** DA EDIÇÃO DE LUXO

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA TIPOGRA  
FIA DA «ATLÂNTIDA», À RUA DE  
FERREIRA BORGES, 103 A 111, EM COIM  
BRA, AOS 7 DE OUTUBRO DE 1939,  
PARA AS «EDIÇÕES PRESENÇA»